
ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução Geral às Cartas Paulinas****Introdução às Cartas aos Tessalonicenses****Capítulo 1****Capítulo 2****Capítulo 3****PREFÁCIO A FILIPENSES, COLOSSENSES,
1 E 2 TESSALONICENSES**

Novamente queria agradecer ao Comitê de Publicações da Igreja de Escócia e especialmente a seu secretário e diretor o Rev. Andrew M'Cosh, M.A., S.T.M. e seu coordenador o Rev. W. M. Campbell, B.D., Ph.D., D. Litt, em primeiro lugar por me permitir escrever estes volumes de Estudos Bíblicos Diários, e em segundo termo porque agora farei a reimpressão como nova edição.

Este volume contém notas das Epístolas de Paulo aos Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses. Cada uma destas Cartas tem sua própria e especial importância.

A Epístola aos Filipenses foi chamada "a Epístola dos ensinamentos excelentes". Não é uma Carta difícil de entender e para muitos é a Carta mais encantadora e atrativa que Paulo jamais escreveu.

A Epístola aos Colossenses é ao mesmo tempo uma das mais eminentes e entre as mais difíceis que Paulo tratou. Em nenhuma parte alcança Paulo tal altura em seus escritos sobre a pessoa e a obra de Jesus. Aqui está o pensamento paulino a respeito de Jesus em sua grandeza maior.

A Primeira e Segunda Epístolas aos Tessalonicenses são, com a possível exceção da Epístola aos Gálatas, as primeiras Cartas de Paulo. Elas são de especial importância nas quais Paulo ensina a suas primeiras Igrejas, e em particular elas contêm alguns dos mais precisos ensinamentos da

Segunda Vinda. Aquele que estude estas quatro Cartas verá o pensamento de Paulo em vários de seus mais altos alcances e aspectos. Os comentaristas estiveram muito acertados na interpretação de todas estas Cartas.

Ninguém pode escrever sobre as Cartas aos Filipenses e Colossenses sem estar profundamente agradecido a grande tarefa de J. B. Lightfoot, cuja categoria de notável intérprete vê-se ao ter obtido um dos maiores Comentários nunca escritos. Constantemente segui os Comentários de C. J. Ellicott. O Comentário de M. R. Vincent em *The International Critical Commentary* é de fundamental importância a respeito da Epístola aos Filipenses. Tem muito de proveito no texto inglês da Carta o Comentário de H. G. C. Moule na antiga *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, por J. H. Michael em el *Moffatt Commentary*, e os dois Comentários devocionais por H. G. C. Herklots e C. E. Simcox.

Na Epístola aos Colossenses o volume de C. F. O. Moule no novo *Cambridge Greek Testament* é inestimável, e o tomo no *Moffatt Commentary* por E. F. Scott mostra seu caráter proveitoso e lúcido.

No texto grego da Primeira e Segunda Tessalonicenses há dois grandes Comentários: o de G. Milligan, na Macmillan Series of Commentaries, e o de J. E. Frame no *International Critical Commentary*. Ambos alcançam categorias entre os maiores de todos os *English New Testament Commentaries*. No texto inglês o volume no *Torch Commentary* e o do *Moffatt Commentary* foram escritos por W. Neil, e são ambos os excelentes, e o volume por Lion Morris no *Tyndale Commentary* é também proveitoso e iluminador.

A tradução neste volume não apresenta nada especialmente meritório; foi originalmente produzida numa ordem tal que o leitor pudesse ter uma tradução e comentário num volume de bolso. Sempre tive a meu lado as traduções de Moffatt e de Weymouth, e a de J. B. Phillips. Deste modo freqüentei o pouco usado livro de *The New*

Testament in Plain English de Charles Kingsley Williams, que sempre achei preciso e notavelmente iluminado.

Assim como nos anteriores volumes, dou à circulação este com a oração de que possa servir ao leitor moderno para captar um Novo Testamento realmente vivo.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1959.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não

especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que

compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo freqüentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas.

Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que. tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho de Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não

presentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos

acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS AOS TESSALONICENSES

Paulo vem a Macedônia

Para tudo aquele que pode ler as entrelinhas, o relato da chegada de Paulo a Macedônia é uma das histórias mais dramáticas do livro de Atos. Lucas o narra em Atos 16:6-10 com uma parcimônia quase extrema. Apesar de sua brevidade, este relato dá necessariamente a impressão de uma cadeia de circunstâncias que culminam num acontecimento supremo. Paulo tinha atravessado Frígia e Galácia. Frente a ele encontrava-se o Helesponto, à sua esquerda estava a fecunda província da Ásia e à sua direita se estendia a enorme província de Bitínia. Mas o Espírito não lhe permitiu entrar em nenhuma delas. Havia algo que o empurrava incessantemente ao mar Egeu. Desta maneira chegou à Troas alexandrina ainda indeciso quanto a onde se encaminharia. Então teve a visão noturna de um homem que exclamava: "Passa a Macedônia e ajuda-nos." Paulo zarpou e pela primeira vez o Evangelho chegou à Europa.

Um Mundo

Mas nesse mesmo momento Paulo deve ter visto muito mais que um continente para Cristo. Desembarcou na Macedônia, o reino de Alexandre Magno, que tinha conquistado o mundo e que tinha chorado porque não havia mais mundos que conquistar. Mas Alexandre era muito mais que um mero conquistador militar. Foi quase o primeiro universalista. Era mais um missionário que um soldado; sonhava com um mundo dominado e iluminado pela cultura grega. Até um pensador

tão grande como Aristóteles havia dito que era um dever evidente tratar os gregos como homens livres e os orientais como escravos. Mas Alexandre declarava ter sido enviado por Deus "para unir, pacificar e reconciliar a todo o mundo" Deliberadamente queria dizer que seu propósito era "unir o Oriente com o Ocidente". Sonhava com um império em que não haveria nem grego nem judeu, nem bárbaro, nem cita, nem escravo, nem livre (Colossenses 3:11). Agora, é difícil ver como poderia estar ausente Alexandre do pensamento de Paulo. Paulo partiu desde Troas alexandrina, que levava o nome de Alexandre; passou a Macedônia que constituía o reino original de Alexandre; trabalhou em Filipos, que levava o nome de Filipe, o pai de Alexandre; foi a Tessalônica, que tinha o nome de uma meio-irmã de Alexandre. Todo o território estava saturado da lembrança de Alexandre; Paulo deve ter pensado não num continente, mas em um mundo para Cristo.

Paulo chega a Tessalônica

A sensação de que os braços do cristianismo se estendiam deve ter-se acentuado quando Paulo chegou a Tessalônica. Tratava-se de uma cidade importante. Seu nome original era Thermai que significa "fontes quentes", dando nome ao golfo onde se encontrava. Seiscentos anos antes Heródoto a descrevia como uma grande cidade. Tinha sido sempre um porto famoso. Aqui Xerxes o persa estabeleceu sua base naval ao invadir a Europa, e até na época dos romanos era um dos arsenais maiores do mundo. Em 315 antes de Cristo Cassandro reedificou a cidade e lhe pôs o novo nome de Tessalônica, nome de sua mulher, filha de Filipe da Macedônia e meio-irmã de Alexandre Magno. Era uma cidade livre. Isto significa que jamais tinha sofrido a afronta de aquartelar entre seus muros tropas romanas. Tinha sua própria assembléia popular e seus próprios magistrados. Sua população se elevava a 200.000 habitantes, e durante um tempo rivalizou com Constantinopla como candidata a capital do mundo. Até hoje, com o

nome de Salônica, tem 70.000 habitantes. Mas a importância suprema de Tessalônica está em que se encontra sobre a *Via Egnatia* que se estendia desde o Dirraquio sobre o Adriático até Constantinopla sobre o Bósforo e daqui para a Ásia Menor e o Oriente. De fato sua rua principal era parte da mesma rota que unia Roma com o Oriente. O Oriente e o Ocidente convergiam em Tessalônica; dizia-se que estava "na saia" do império romano. O comércio se introduzia aqui do Oriente e o Ocidente; por isso, dizia-se: "Enquanto a natureza não mudar, Tessalônica permanecerá rica e próspera." É impossível exagerar a importância da chegada do cristianismo a Tessalônica. Se o cristianismo se estabelecia em Tessalônica estava também destinado a estender-se ao oriente pela *Via Egnatia* até conquistar todo o Ásia, e pelo Ocidente até convulsionar à mesma cidade de Roma. O advento do cristianismo a Tessalônica foi um passo crucial na transformação do cristianismo em religião mundial.

A permanência de Paulo em Tessalônica

O relato da permanência de Paulo em Tessalônica encontra-se em Atos 17:1-10. Agora, para Paulo o que aconteceu em Tessalônica foi de importância suprema. Pregou na sinagoga durante três sábados consecutivos (Atos 17:2). Isso significa que sua estadia não pôde ter sido de muito mais que três semanas. Teve um êxito tremendo a ponto de os judeus irem às nuvens e provocarem tais distúrbios que Paulo teve que ser tirado às escondidas e com perigo de sua vida rumo a Beréia; aqui aconteceu o mesmo (Atos 17:10-12), e Paulo teve que deixar a Timóteo e Silas para seguir fugindo para Atenas. Por conseguinte, Paulo esteve somente três semanas em Tessalônica. Era possível causar em três semanas tanta impressão num lugar, que o cristianismo chegasse a implantar-se em forma tal que não pudesse ser jamais desarraigado? Se for assim, não era um sonho vazio pensar que o império romano podia ser ganho para Cristo. Ou era necessário instalar-se e trabalhar durante meses e até anos antes de causar alguma impressão? Neste caso ninguém

poderia prever no mais mínimo quando chegaria o cristianismo a penetrar em todo mundo. Tessalônica constituía um caso de prova, e Paulo estava esmagado pela ansiedade de saber o que aconteceria.

Notícias de Tessalônica

Tão ansioso estava Paulo que quando se encontrou com Timóteo em Atenas, enviou-o de volta a Tessalônica para solicitar as informações sem as quais não tinha descanso (1 Tessalonicenses 3:1-2; 5; 2:17). Que notícias trouxe Timóteo? Havia notícias boas. O afeto dos Tessalonicenses por Paulo era mais forte que nunca; e se mantinham firmes na fé (1 Tessalonicenses 2:14; 3:4-6; 4:9-10). Eles eram efetivamente "sua glória e sua alegria" (1 Tessalonicenses 2:20). Mas também havia notícias que causavam inquietação.

(1) A pregação da Segunda Vinda tinha produzido uma situação anormal; o povo tinha deixado de trabalhar e abandonado todas as empresas ordinárias da vida para esperar a Segunda Vinda numa espécie de histeria expectante. Paulo lhes diz que se mantenham tranquilos e que continuem suas tarefas ordinárias (1 Tessalonicenses 4:11).

(2) Estavam preocupados com o que aconteceria aos que tinham morrido antes da Segunda Vinda. Paulo lhes explica que os que dormiram em Jesus não perderão nada da glória (1 Tes. 4:13-18).

(3) Existia uma tendência a desprezar toda autoridade legal; a inclinação grega à discussão fazia com que a democracia estivesse sempre em perigo de degenerar (1 Tessalonicenses 5:12-14). (4) Continuamente existia o perigo de recair na imoralidade. Era difícil esquecer o ponto de vista de gerações e escapar ao contágio do mundo pagão (1 Tessalonicenses 4:3-8).

(5) Havia ao menos algum grupo que difamava a Paulo. Sugeriam que Paulo pregava o evangelho pelo lucro que podia receber (1 Tessalonicenses 2:5, 9); e que era algo assim como um ditador (1 Tessalonicenses 2:6-7, 11).

(6) Na Igreja havia divisões (1 Tessalonicenses 4:9; 5:13). Estes eram os problemas que Paulo devia tratar, e que mostram que a natureza humana não mudou muito nas igrejas.

Por que duas Cartas?

Devemos nos perguntar por que há duas Cartas. Ambas são muito semelhantes, e deveriam ser escritas no transcurso de semanas ou dias. A segunda foi escrita com o propósito principal de esclarecer uma errônea interpretação da Segunda Vinda. A primeira insiste em que o dia do Senhor virá como ladrão na noite e insiste na vigilância (1 Tessalonicenses 5:2; 5:6). Mas esta razão chegou a produzir uma situação doentia visto que os homens não faziam outra coisa senão vigiar e esperar. Na segunda Carta Paulo explica que sinais precederiam à Segunda Vinda (2 Tess. 2:3-12). As idéias dos Tessalonicenses sobre a Segunda Vinda tinham perdido seu equilíbrio e proporção. Como acontece freqüentemente ao pregador, a mensagem de Paulo tinha sido mal entendida e mal interpretada; algumas frases tinham sido tomadas fora de contexto ou superestimadas. A segunda Carta tenta colocar as coisas em seu justo equilíbrio e corrigir os pensamentos dos excitados Tessalonicenses com respeito à Segunda Vinda. Certamente, Paulo aproveita a ocasião para repetir e sublinhar muitos dos bons conselhos e admoestações que deu na primeira Carta, mas sua intenção principal é acalmar a histeria e fazer com que esperem não numa ociosa excitação, mas em uma paciente e diligente atenção ao trabalho do dia. Nestas duas Cartas vemos como Paulo resolve dia a dia os problemas de uma Igreja que cresce e se expande.

2 Tessalonicenses 1

[Ergam os seus corações - 1:1-12](#)

ERGAM OS SEUS CORAÇÕES**2 Tessalonicenses 1**

Nesta passagem encontra-se toda a sabedoria de um experiente líder. Pareceria que os tessalonicenses enviaram a Paulo uma mensagem cheia de dúvida e desconfiança. Tinham tido medo de não ser suficientemente bons, de que sua fé não suportasse a prova, de que, para expressá-lo numa frase moderna, não chegassem a ser promovidos. A resposta de Paulo não foi empurrá-los pela descida do desalento, dando-lhes a razão pessimista; antes, foi assinalar suas virtudes e êxitos para que esses cristãos descoroçoados e amedrontados se erguessem e com a cabeça erguida, dissessem: "Bem, se Paulo pensa assim de nós, seguiremos lutando."

Mark Rutherford dizia: "Bem-aventurados aqueles que nos libertam de nosso próprio menosprezo." E isto é justamente o que Paulo fez pela Igreja tessalônica. Sabia que, com freqüência, o louvor judicioso pode fazer o que não obtém a crítica indiscriminada; sabia que o elogio daqueles que amamos não torna faz orgulhosos, faz-nos humildes; sabia que o elogio prudente nunca faz com que um homem descansa sobre seus louros, pelo contrário, o enche de vontade de agir ainda melhor para merecê-lo.

Paulo assinala três coisas como características de uma Igreja que tem vida.

(1) *Uma fé firme.* É característico do cristão que progride que cada dia tenha uma maior segurança em Cristo. A fé que pode começar como uma hipótese, termina como uma certeza absoluta.

James Agate disse certa vez: "Minha mente não é como uma cama que deva ser arrumada uma e outra vez. Há coisas das quais estou absolutamente seguro." O cristão chega a este estado quando à comoção da experiência cristã adiciona a disciplina do pensamento cristão; quando tanto em sua vida como em seu pensamento ele põe tudo à prova e mantém firmemente o que resiste.

(2) *Um amor crescente.* Uma Igreja cresce quando seu serviço faz-se cada vez maior. Isto é quase inevitável. Um homem pode começar servindo a seus semelhantes como um dever da fé cristã que professa, mas terminará agindo assim porque encontra nisso seu maior prazer. A vida egoísta nunca é a mais feliz. A vida de serviço opera a grande descoberta de que a abnegação e a felicidade vão de mãos dadas.

(3) *Uma perseverança constante.* Paulo emprega uma magnífica palavra. A palavra *hypomone*, que se traduz comumente por *resistência*; mas não significa a qualidade passiva de suportar tudo o que nos acontece; descreveu-a como "uma perseverança enérgica na prova". Descreve o espírito que não só suporta pacientemente as circunstâncias em que se encontra, mas também as domina e as aproveita para fortalecer sua própria têmpera. Aceita os embates da vida mas ao aceitá-las transforma-as em umbrais de novas conquistas.

A mensagem de alento de Paulo termina com a visão mais alentadora. Conclui com o que poderíamos chamar *a glória recíproca*. Quando Cristo vier será glorificado *nos seus santos e ser admirado em todos os que creram*. Aqui estamos perante uma verdade que nos tira o alento: a verdade de que nossa glória é Cristo e que a glória de Cristo somos nós. A glória de Cristo está naqueles que por Ele aprenderam a suportar, sofrer, conquistar e brilhar como a luz nas trevas; a irradiar bondade e amor. A glória de um mestre está nos discípulos que forja; a dos pais nos filhos que engendram e ensinam a viver; e a nós nos concede o tremendo privilégio e responsabilidade de que a glória de Cristo possa residir em nós. Somos tais que levamos descrédito ou glória ao Mestre a quem pertencemos e a quem buscamos servir. Pode existir maior privilégio e maior responsabilidade que esta?

2 Tessalonicenses 2

O iníquo - 2:1-12

A exigência de Deus e nosso esforço - 2:13-17

O INÍQUO

2 Tessalonicenses 2:1-12

Sem dúvida estamos diante de um das passagens mais difíceis de todo o Novo Testamento. E isto é assim porque a terminologia e descrições que Paulo usa, que eram muito familiares para aqueles aos quais se dirigia, nos resultam extremamente estranhas. Os que leram ou escutaram isto pela primeira vez não necessitavam nenhuma explicação, mas a nós, que não possuímos o conhecimento local deles, é obscuro.

O quadro geral é o seguinte. Paulo diz aos tessalonicenses que deponham sua nervosa e histórica expectativa da Segunda Vinda. Nega que alguma vez haja dito que o Dia do Senhor já tinha vindo. Esta era uma interpretação equivocada de suas palavras, da qual não era responsável. E lhes diz que antes que venha o Dia do Senhor ainda devem acontecer muitas coisas. Os acontecimentos que deviam acontecer seriam como estes.

Em primeiro lugar estalaria uma época de rebelião contra Deus; já se tinha introduzido neste mundo um secreto poder mau que estava operando nos homens e no mundo para provocar esse tempo de rebelião. Em alguma parte se ocultava alguém que era a encarnação do mal assim como Jesus era a encarnação de Deus. Era o homem de pecado, o filho de perdição, o iníquo. A seu tempo o poder que o retinha desapareceria da cena e então apareceria esse demônio encarnado. Quando viesse reuniria em torno de si a seu próprio povo assim como Jesus tinha o seu. Aqueles que tinham recusado aceitar a Cristo o estavam esperando. Então teria lugar uma batalha última e decisiva em que Cristo destruiria totalmente o iníquo; então o povo de Cristo se reuniria com Ele e os iníquos que tinham aceito o Iníquo como seu senhor, seriam destruídos. Seria uma espécie de batalha cósmica em que a encarnação do mal faria seu último assalto e sofreria sua derrota final.

Lembremos que quase todas as crenças orientais admitiam um poder do mal assim como o poder do bem. Pensavam numa espécie de

guerra entre Deus e esse poder maligno. Por exemplo, os babilônios relatavam que Tiamat, o dragão, rebelou-se contra Marduk, o criador, e tinha sido destruído na batalha final. Paulo está dentro de uma série de pensamentos que eram propriedade comum da época em que vivia. Os judeus também tinham esta concepção. O poder satânico era chamado de Belial ou mais corretamente *Beliar*. Quando desejavam descrever ao homem como extremamente mau eles o chamavam *filho de Beliar*. (Deuteronômio 13:13; 1 Reis 21:10, 13; 2 Samuel 22: 5). Em 2 Coríntios 6:15 Paulo usa este termo como o oposto a Deus. Esta encarnação do mal, este mal humanizado, era a antítese de Deus. Depois de Paulo os cristãos lhe deram o título de Anticristo (1 João 2:18,22; 4:3). É evidente que tal poder não pode durar para sempre no universo; e existia a crença muito difundida de que numa batalha final Deus triunfaria e essa força anti-Deus seria definitivamente destruída. Esta é a imagem com que Paulo trabalha aqui.

Qual é a força que no momento detém e mantém sob controle o Iníquo? Ninguém pode responder com segurança a esta pergunta. O mais provável é que Paulo pensasse no Império romano. Várias vezes ele mesmo tinha tido que ser libertado da fúria do povo pela justiça do magistrado romano. Roma era o poder restritivo que preservava o mundo de uma anarquia insensata. Mas chegaria um dia em que o poder romano seria eliminado, e depois viria o caos.

Assim, pois, Paulo descreve uma rebelião crescente contra Deus; o ressurgimento de alguém que era a encarnação do diabo da mesma forma como Cristo tinha sido Deus encarnado; uma batalha final; e, logo, a vitória final e definitiva de Deus.

Agora, quando esta encarnação do mal viesse ao mundo haveria aqueles que o aceitariam como senhor. Os que tinham rechaçado a Cristo seriam seus sequazes; e eles, junto com seu senhor, encontrarão uma derrota final e um juízo terrível.

Apesar de estranhas que nos resultem estas descrições, conservam entretanto, uma verdade permanente.

(1) Há uma força do mal no mundo. Mesmo quando não se possa provar logicamente a existência do diabo, muitos dirão: "Eu sei que existe porque me encontrei com ele." Se negarmos a existência de um poder maligno que está operando entre os homens, não fazemos senão esconder a cabeça na areia como a avestruz.

(2) Deus tem o controle. Pode parecer que as coisas se desintegram num caos; mas este caos está dentro de um plano. De alguma estranha maneira até o próprio mal está sob o controle de Deus.

(3) O triunfo final de Deus é seguro. No final — na batalha final — nada poderá opor-se a Deus. O Iníquo terá seu dia mas chegará o momento em que Deus dirá: "Basta." Então a grande pergunta para nós será; "De que lado você está? Na batalha que se trava no coração do universo você está do lado de Deus ou de Satanás?"

A EXIGÊNCIA DE DEUS E NOSSO ESFORÇO

2 Tessalonicenses 2:13-17

Nesta passagem encontra-se uma espécie de sinopse da vida cristã.

(1) A vida cristã começa com o chamado de Deus. Ninguém pode jamais escolher-se a si mesmo. Nem sequer podemos jamais começar a buscar a Deus sem que Deus nos tenha encontrado. Toda a iniciativa está em Deus; o fundamento e a causa primária de tudo é o amor de Deus que busca.

(2) Desenvolve-se com nosso esforço. O cristão não é chamado para sonhar, mas sim para lutar, não para ficar quieto, mas sim para escalar. Não só é chamado para o maior privilégio no mundo, mas também para a maior tarefa.

(3) Este esforço é continuamente escorado por duas coisas.

(a) Pelo ensino, a direção e o exemplo dos homens bons e santos. Deus nos havia por meio daqueles aos quais já falou antes. "Um santo",

como alguém disse, "é uma pessoa que faz com que outros creiam mais facilmente em Deus." E há outros que nos ajudam não por algo que dizem ou escrevem, mas simplesmente sendo o que são: homens naqueles que a pessoa se encontra com Deus.

(b) Pelo próprio Deus. Nunca somos deixados sozinhos na luta, na batalha e no esforço. Aquele que começou a tarefa nos dá também a fortaleza para realizá-la; mais ainda, Ele próprio a realiza conosco. Não somos jogados na batalha e na luta da vida com os débeis recursos que nós podemos contribuir. Atrás de nós e junto a nós está Deus. Quando Paulo estava frente a problemas em Corinto, teve uma visão noturna em que o Senhor lhe dizia. "Não temas ... Eu estou contigo" (Atos 18:9,10). Os que estão a nosso favor são sempre mais que os que estão contra nós.

(4) Este chamado e este esforço estão destinados a provocar duas coisas:

(a) Que *na Terra* se leve a cabo *uma consagração*. Em grego quando uma coisa é consagrada significa que se *separa para Deus*. Portanto, coloca-nos para além de tal maneira que Deus pode nos usar para seu serviço. O resultado disto é que a vida do homem já não pertence a este para dispor dela como quiser; pertence a Deus para que ele faça dela o que Ele quer.

(b) Estão destinados a provocar *salvação no céu*. A vida do cristão não termina com este tempo; sua meta está na eternidade. Seu fim é uma pureza pela qual verá o próprio Deus. O cristão é um homem que pode considerar seu luta e aflição presente como algo muito pequeno em comparação com a glória que virá.

2 Tessalonicenses 3

Uma palavra final - 3:1-5

A disciplina no amor fraterno - 3:6-18

UMA PALAVRA FINAL**2 Tessalonicenses 3:1-5**

Outra vez Paulo chega ao fim de uma Carta com a petição de que os fiéis orem por ele (cf. 1 Tessalonicenses 5:25; Romanos 15:30 ss.; Filemom 22). Há algo profundamente comovedor no pensamento deste gigante entre os homens que implora a oração dos tessalonicenses que tão bem reconheciam sua própria fraqueza. Em nenhum outro lugar vê-se com tanta clareza a humildade de Paulo. E o próprio fato de que por assim dizer, se lançasse nos corações de seus fiéis teve que ter ganho até a seus próprios adversários, pois é muito difícil não simpatizar com um homem que pede que orem por ele.

Mas apesar de seu amor para com os homens e sua confiança neles, Paulo era realista. A fé — dizia — não é para todos. Podemos estar seguros de que isto o dizia não cinicamente mas com pena. Novamente vemos a responsabilidade tremenda do livre-arbítrio. Podemos usá-la para abrir nossos corações mas também para fechá-los. A atração da fé não é seletiva, dirige-se a todos; mas o coração do homem pode negar-lhe sua resposta.

No último versículo desta passagem vemos o que poderíamos chamar as características interna e externa do cristão. A característica interna é a consciência e a comprovação do amor de Deus. Há uma profunda consciência de que não podemos ser separados deste amor e cuidado, o sentido que os braços do Eterno estão debaixo e ao redor de nós. Uma das necessidades básicas na vida é a segurança; e achamos satisfeita esta necessidade na consciência do inalterável amor de Deus. A característica externa do cristão é a integridade que Cristo pode dar.

Estamos num mundo em que há mais quebrantos nervosos que em qualquer outra época da história. Isto é simplesmente um sinal de que a gente tem cada vez mais a sensação de não poder vencer na vida. Vivemos num mundo em que os homens temem olhar para frente. A característica externa do cristão é que enquanto outros caem, ele

permanece em pé; e quando outros sucumbem ele lança sua carga ao ombro e segue viagem. Com o amor de Deus no coração e a força de Cristo em sua vida a pessoa pode enfrentar qualquer coisa.

A DISCIPLINA NO AMOR FRATERNAL

2 Tessalonicenses 3:6-18

Aqui Paulo trata, como na Carta precedente, a situação provocada por aqueles que tinham adotado uma atitude errada com respeito à Segunda Vinda. Havia em Tessalônica aqueles que tinha abandonado o trabalho diário e os deveres rotineiros de cada dia para esperar numa excitada ociosidade a vinda de Cristo. Paulo descreve vividamente a situação com a palavra *ataktos*, advérbio que emprega duas vezes, e uma vez o verbo *ataktein*. A palavra significa *faltar ao dever*. Aparece, por exemplo, nos papiros, num contrato de um aprendiz em que o pai está de acordo em que seu filho deva compensar todos os dias que faltou à oficina ou vagabundeou. Os tessalonicenses em sua excitada ociosidade tinham deixado completamente de lado seus deveres e trabalhos.

Para fazê-los repensar, Paulo menciona seu próprio exemplo. Durante toda sua vida Paulo foi um operário que trabalhou com suas próprias mãos. O judeu exaltava o trabalho. "Aquele que não ensina a seu filho um ofício", diziam, "o ensina a roubar."

Paulo era um rabino. Agora, a Lei judia estabelecia que o rabino não recebia pagamento pelo ensino; devia ter um ofício e satisfazer suas necessidades diárias com o trabalho de suas mãos. Desta maneira encontramos rabinos que eram padeiros, cabeleireiros, carpinteiros, pedreiros e que exerciam toda classe de ofícios. Os judeus criam na dignidade do trabalho honrado e tinham a segurança de que um erudito perdia algo quando se tornava tão acadêmico e tão afastado da vida que esquecia o trabalho de suas próprias mãos.

Paulo cita um ditado: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma." O grave é a *rejeição* do trabalho. Isto não tem nada que ver com

o desafortunado que não pode encontrar trabalho. Aqui temos a que foi chamada a "regra de ouro do trabalho".

Deissmann expressa a feliz idéia de que quando Paulo dizia isto "provavelmente estava adotando algo de uma boa moral antiga de artesanato ou uma máxima cunhada talvez por algum industrioso trabalhador que proibia a seus aprendizes preguiçosos se sentassem para comer".

Depois de tudo, nisto temos o exemplo do próprio Cristo. Jesus era o carpinteiro de Nazaré e a lenda diz que era tão bom carpinteiro que fazia os melhores jugos de toda a Palestina e que acudiam de todo o país para comprarem dele. Uma árvore se conhece por seus frutos e um homem por seu trabalho.

Certa vez um homem comprou uma casa sem nem sequer vê-la. Foi-lhe perguntado por que tinha assumido tal risco; sua resposta foi: "Conheço o homem que edificou esta casa; sei que junto com os tijolos pôs também o seu cristianismo." O cristão, justamente porque é cristão, deve ser melhor trabalhador que qualquer outro.

Paulo detestava com toda a alma o fofoqueiro. Pode haver pecados mais graves que a intriga, mas não que produzam maiores danos na Igreja. O homem que realiza com todo esforço seu próprio trabalho tem tempo de sobra para poder interessar-se ainda, maliciosa e curiosamente, pelos assuntos de outros.

Segundo as instruções de Paulo, a comunidade deve encarregar-se daqueles que não seguem seus conselhos. Mas não devem tratá-los como inimigos, mas sim aconselhá-los como irmãos. A disciplina administrada por alguém que se coloca sobre o pecador, que olha desdenhosamente de cima e fala para ofender, pode horrorizar e ferir, mas raramente emendar. É mais provável que produza ressentimento em vez de emenda. Quando é necessária a disciplina cristã deve ser administrada de irmão a irmão; jamais deve-se dar com ira e menos ainda com desprezo, mas sempre com amor.

Assim, pois, Paulo chega ao final. Em conclusão, adiciona seu autógrafo para autenticar a Carta. "Olhem", diz, "esta é minha letra; advertam para que a conheçam outra vez."

E assim, tendo exposto a verdade e alternado amorosamente o louvor com a recriminação, encomenda a Igreja tessalonicense à graça de Jesus Cristo.